

# Crónica de uma guerra pela defesa da Pátria

«Um bom oficial é aquele que é capaz de transformar os seus homens, de produzir os homens para o combate e levá-los ao combate. Um mau oficial torna leões em carneiros. Não há bons ou maus soldados, mas sim, há bons e maus oficiais. O homem pode ser tudo aquilo que queremos que seja.»

— Presidente Samora Machel, na sua obra «Vamos fazer da floresta o nosso teatro de operações»

Durante vários dias, jornalistas moçambicanos e estrangeiros percorreram longas distâncias na província de Inhambane, para apreciar os resultados obtidos pelas nossas autoridades na luta contra o banditismo armado.

Embora não tenha sido um período de tempo muito longo, a viagem pelo interior de Inhambane permitiu verificar os sucessos alcançados para o restabelecimento da tranquillidade, para o recomeço de novas vidas, permitiu contactar as dificuldades imensas que muitas pessoas têm de enfrentar no dia-a-dia cumprindo o dever sagrado de defender a Pátria da agressão externa.

Foram dias em que vivemos lado a lado com os nossos militares, comungamos com eles (embora sempre com um exemplar tratamento de deferência e cortês da parte deles), as experiências imensas que adquiriram e vimos com olhos de ver uma realidade desconhecida por muitos.

É essa realidade que nos propomos trazer a estas páginas, para que os leitores tenham mais informação sobre a vida hoje na província de Inhambane.

## Viajar por Inhambane sob sol escaldante

Por Mário Ferro (texto) e Azarias Inguane (fotos)

**P**ASSAVAM alguns minutos das onze quando o avião, um cargueiro turbo-hélice da Força Aérea, aterra e rola depois, suavemente, perdendo aos poucos a sua velocidade, pela pista alcatroada do aeroporto de Inhambane, até ficar imobilizado de frente de uma antiga aerogare, de troço arquitectónico muito característico deste tipo de construção no tempo colonial.

Fazemos a primeira escala de uma viagem pelo interior da província. Conosco estão outros passageiros que, tendo em conta a escassez de meios de transportes aéreos civis, aproveitam esta oportunidade que os militares oferecem para chegar a Inhambane, com tralha e mais tralha. Ao nosso lado, um médico soviético

regressa ao seu posto de trabalho no hospital da capital provincial. Durante o tempo de viagem, aproveita o tempo para, acomodado nos bancos corridos do avião, próprios para o transporte de pára-quedistas, escrever algumas cartas.

Mais à frente, uma senhora já de idade segura no seu colo uma criança. A seu lado vai um militar patenteado. Desta feita, a aeronave transporta no seu bojo mais carga diversa do que passageiros, ao contrário do que viria a suceder dias mais tarde quando regressámos a Maputo.

Do grupo de jornalistas, ninguém tem uma ideia precisa do trabalho que iria ser realizado. Apenas se sabe, quando se partia do Maputo, que as Forças Armadas tinham obtido vitórias nesta guerra traiçoeira e cruel que certas forças

estrangeiras, utilizando compatriotas nossos como marionetes assassinas, continuam apostadas em sustentar, tornando a nossa vida difícil e por vezes insuportável.

Deixamos o avião, que deveria após o almoço da tripulação, regressar a Maputo. Nos dias que se seguiram, iríamos conhecer como nosso único meio de transporte pelo interior de Inhambane o jipe, o camião ou, ainda, o blindado com o seu potente motor, roncando ferozmente, a pedir água para se arrefecer, vencendo todos os obstáculos.

Passamos por estradas alcatroadas, estradas de terra batida, por picadas, umas antigas outras abertas recentemente. Vencemos arduas lutas que nos traziam à memória recordações de filmes de aventuras passa-

dos nos desertos árabes, vistos na nossa infância. Desbravamos mato cerrado de machado em punho, abrindo espaço suficiente para que um camião pudesse galgar mais uns metros, até atingirmos finalmente a Planície de Manianje, ali mesmo no coração de Inhambane.

## A SURA FOI UMA BOA COMPANHIA

Ao certo não se sabia qual a temperatura que o termómetro marcava Mas, na verdade, sentia-se o calor húmido de Inhambane e quão apetível foi dar um mergulho nas transparentes águas da sua baía, quando chegámos ao hotel, onde iríamos passar essa noite.

Do almoço, saboroso estava o peixe encarnado, bem fresquinho, pescado nas águas do Índico. Foi quanto bastou para encher de satisfação bocas que estão habituadas ao carapau. Houve quem pedisse para repetir a dose... mas só que a comida era pouca para todos os hóspedes, porque não estavam à espera de «uma delegação» tão numerosa.

Depois do almoço veio a sesta, enquanto se aguardam informações sobre o nosso trabalho. O Major-General Domingos Fondo, que iria ser o nosso anfitrião, está ausente da capital provincial, num dos distritos, em missão de serviço. Alguém nos confidenciou, depois, que o Comandante Militar não vem à cidade há um mês e que «anda lá no mato» com o seu filho mais velho, tendo deixado a esposa e os outros filhos na sua residência de Inhambane.

Ao meio da tarde, vem a informação de que o resto do dia é livre para os jornalistas. Cada um começa a organizar os seus programas. Uns vão visitar os amigos e familiares, enquanto outros permanecem no hotel em repouso para dar tempo à digestão do almoço, para um banho nas águas da baía de Inhambane.

Mas, de repente, vem uma informação. O Major-General Fondo tinha respondido à mensagem que lhe fora enviada horas antes e pede que os jornalistas sigam nessa mesma tarde para Homoine, onde ele deveria chegar ao princípio da noite vindo de uma região a norte da província. Homoine seria, pois, o nosso ponto de encontro.

Mas a partida tem de ser adiada para o dia seguinte. Os jornalistas, na maioria, estão dispersos pela cidade e também é difícil arranjar uma meia dúzia de jipes que pudesse transportá-los. Propôs-se, então, que a partida tivesse lugar no dia seguinte, logo de manhã cedo, pela fresquinha.

Janta-se. Uma refeição melhorada, com peixe, do bom, e carne de porco. Como acompanhante água fresca, a que uns misturam alguns pingos de limão comprado no mercado. Depois do jantar, um café bem forte e depois algumas horas de conversa e escuta de noticiários de algumas emissoras internacionais.

É então que começam a chegar os garratões de sura que uns haviam encomendado nessa tarde. Na marginal, sentados no passeio ou nos bancos, recebendo a brisa e a mere-

sia reconfortantes, vê-se a lua cheia pôr-se à vertical das nossas cabeças, numa noite sem energia eléctrica porque a central havia sofrido nesse dia uma «avaria grosseira». A luz do luar não permite que Inhambane estivesse completamente às escuras. Já eram horas de recolher aos quartos para dormir e recuperar forças, porque calculava-se que as jornadas seguintes iriam ser de muito cansaço.

## DE CONDUTOR A CICERONE

Na manhã seguinte, quatro jipes param defronte do hotel, um pouco atrasados em relação à hora marcada. Faz-se de seguida a distribuição dos lugares e, pouco depois, vem a ordem de partida para Homoine.

Os carros avançam em coluna, lentamente. Atravessam as ruas da cidade, passam pelo hospital e tomam a estrada de saída. Nunca ultrapassando os oitenta quilómetros-horários, a coluna vai galgando o alcatrão, a pedir resselagem em alguns pontos. Veio o cruzamento de Lindela. Entra-se na Estrada Nacional n.º 1 em direcção à Maxixe. Daqui, toma-se uma estrada de terra batida para Homoine, onde se chega uma hora e meia depois de termos deixado Inhambane.

Pelo caminho, o condutor do jipe em que viajamos tem uma outra missão, improvisada naquele momento: é o nosso cicerone. Natural da província, homem conhecedor da vida e da realidade da região, explica-nos que «ali é a fábrica de descasque de castanha de caju»; acolá é a cerâmica, que «faz aqueles vasos que vão à cabeça daquelas mulheres»; ali, «naqueles edifícios que os senhores vêem à esquerda, é a fábrica de descaroçamento e prensagem de algodão.

— Há dois anos atrás ninguém podia andar por aqui à vontade. Os bandidos armados chegaram até às portas de Inhambane. Mas hoje não há problemas nenhuns por aqui. Há sossego e tranquilidade — afirma-nos o nosso condutor. A viagem vai desenrolando-se. Uma nova explicação surge, para nos elucidar:

— Até ao princípio do ano passado, havia aqui muito gado. Por causa dos bandidos armados, os criadores de muitos distritos fugiram para aqui com o seu gado. A pastagem sofreu muito. Mas agora eles já regressaram há muito para os seus distritos e só ficou o gado que é daqui. O capim está a recompor-se.

Passamos pela baixa que antecede o cruzamento de Lindela. Já na estrada para Homoine, o nosso cicerone anuncia-nos uma machamba estatal, que produz muita coisa, como por exemplo hortícolas, e uma escola agrícola, onde se formam futuros quadros para a Agricultura.

## A PRIMEIRA EXPLICAÇÃO

O Major-General Domingos Fondo recebe-nos numa residência em Homoine. Com ele está o administrador de Homoine, Eduardo Jgimo, conhecido de muitos quando trabalhava em Vilanculo. Quase que não são necessárias apresentações, porque na verdade quase todos se conhecem e, por isso, tudo se torna mais fácil e descontraído.

A nossa frente está um homem magro, de estatura baixa. A sua figura franzina, escondida por debaixo do camuflado, com as divisas aos ombros, não dá ideia exacta da importância da pessoa na vida da província de Inhambane.

Haviam-nos dito que o gabinete preferido deste comandante militar, um veterano da Luta Armada de Libertação Nacional, era a carlinga do blindado, com o qual cruza as picadas e as matas da província.

Esse «Leão da Floresta» ofereceu-nos café. De sorriso sempre nos lábios, de uma simpatia contagiante, Domingos Fondo explica-nos o que se passa. Mas tem o cuidado de acrescentar sempre que «irão ver lá no terreno».

É nesse encontro que temos o conhecimento exacto do trabalho que nos espera. O comandante militar fala-nos de importantes vitórias, mas dizendo-nos que «cumpriam orientações do nosso Partido e do nosso Governo, em especial do nosso Presidente».

Feito o programa de trabalhos, sem horários nem limites no tempo, aprovado por todos, o Major-General toma o comando e ordena a partida. Ali deixámos os jipes que nos haviam transportado de Inhambane a Homoine, para passarmos a utilizar viaturas militares.

A coluna deixa Homoine, pela picada em direcção a Vavati. Hoje, uma aldeia comunal, 650 famílias são os seus moradores, dedicando-se ao cultivo de feijão-nhamba, amendoim e mandioca, entre outros produtos. Aqui, fizemos uma paragem.

Há distribuição de lanho, para refrescar as gargantas de pessoas que passaram algumas horas ao sol, viajando em camiões e blindados. Aproveita-se também a paragem para uma rápida inspecção mecânica às viaturas, todas elas a pedirem água para os seus radiadores a ferver.

Depois do curto descanso, o Major-General Fondo reúne os jornalistas. Abre um mapa militar da zona e, com o auxílio de uma varinha, fornece as primeiras explicações:

— Os bandidos armados ocuparam Vavati desde 1982. Realizámos uma operação e, em 1 de Junho de 1984, expulsámos os bandidos armados daqui. Colocámos um batalhão, reagrupámos a população e construímos uma aldeia comunal. Ali está um monumento em memória do Comandante Kapiripiri, que foi assassinado pelos bandidos armados no combate aqui

realizado. Agora, vamos avançar para Penabe.

Há os cumprimentos de despedida. O administrador da aldeia, os oficiais da unidade das Forças Armadas ali estacionada e os representantes das organizações democráticas de massas despedem-se de nós, desejando-nos boa viagem. Cada um retoma o respectivo lugar nas viaturas e, minutos depois, as viaturas estão em marcha.

De novo a picada. O estado da mesma piora à medida que vamos avançando mais para o interior, em direcção ao norte. Começam a surgir as primeiras dificuldades com a terra solta, exigindo que os condutores ponham à prova a sua experiência de dezenas de viagens por vias como a que estamos a transitar.

A certa altura, surge uma ordem de paragem. É preciso dar água a uma das viaturas, cujo motor está a aque-

